

Luiz Guilherme Marques

**Reflexões de Montaigne
para a Vida Diária**

Livro I

Editora AMCGuedes

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

**REFLEXÕES DE
MONTAIGNE
PARA A VIDA
DIÁRIA
LIVRO I**

Luiz Guilherme Marques

2.011

“Não sei se me engano, mas posto que por favor especial da bondade divina uma oração nos foi prescrita e ditada palavra por palavra pela boca de Deus, sempre me pareceu que a ela devíamos recorrer mais do que o fazemos. Se minha opinião pesasse no assunto, nós a diríamos no início e no fim das refeições, ao deitar e ao levantar. Em todos os momentos em que é costume rezar, gostaríamos que fosse o ‘Padre Nosso’ a oração de todos os cristãos. Pode a Igreja aumentar o número de orações e modificá-las segundo nossas necessidades e os fins que ela visa, e bem sei que o espírito e o fundo são sempre os mesmos, essa é a oração por excelência e ela diz incontestavelmente tudo o que há para se dizer, convém a todas as circunstâncias em que nos podemos encontrar e portanto justificaria o privilégio de a ter sempre nos lábios o povo. É a única oração de que me valho sempre e sempre a repito em vez de variar, porquanto nenhuma tanto se gravou em minha memória.”

(Michel de Montaigne)

DEDICATÓRIA

- a Jaqueline Mara de Almeida Marques e Tereza Cristina de Almeida Marques
- a Maria Geny Barbosa
- a Marisa Machado Alves dos Santos
- a Dilma Rouseff
- a Fátima Nancy Andrighi
- a Reynaldo Ximenes Carneiro
- a Mitzi da Silva Marques

ÍNDICE

Introdução

Notas

Conclusão

INTRODUÇÃO

O presente livro representa uma coletânea aleatória de citações extraídas do Livro I dos Ensaios, de Michel de Montaigne [1], que comentamos, procurando esclarecer aos Leitores atuais a ideologia desse grande filósofo e humanista, calcada, sobretudo, nos pensamentos socrático e cristão, mas sempre atual, apesar de ter vivido há mais de quatro séculos atrás.

Os extratos (aos quais acrescentamos um título para identificação) obedecem à sequência da obra segundo a edição de 1961 da Biblioteca dos Séculos, da Editora Globo, na tradução competente de Sérgio Milliet, ao final dos quais mencionamos as respectivas páginas.

Não entendemos conveniente mudar a sequência, considerando que o filósofo deve ter tido suas razões para adotá-la, tal qual os produtores de cds musicais programam a sequência das músicas numa lógica que, quase sempre, torna mais agradável o conjunto aos ouvidos do público.

Montaigne foi filósofo, jurista, amante da Ciência e da Poesia, e dotado de uma religiosidade prática e sensibilidade estética notáveis. Não teria sido casual a sucessão dos temas...

Nosso trabalho se destina a quem procura bons referenciais para u'a melhor qualidade de vida, sendo esse o objetivo que detectamos na obra montaigniana: ajudar as pessoas a viverem bem.

Não pretende este estudo ser um panegírico do grande humanista, mas sim aproveitar suas reflexões para melhorarmos nossa compreensão sobre a grande finalidade do ser humano, que é aperfeiçoar-se e melhorar o mundo.

O próprio Montaigne reconhece que a fonte da Inspiração Superior o visitava frequentemente, rendendo-se a ela como um homem de fé que era e bem intencionado nas coisas que fazia, dizia e escrevia.

Montaigne entendia a Filosofia como a “ciência de viver bem”.

É nessa linha que seguiremos, procurando indicar aos prezados Leitores algumas trilhas que ele abre para os viandantes da vida.

Nossa época, tumultuada e aparentemente avessa à reflexão filosófica, prioriza os deuses Dinheiro, o Poder e os Objetivos Puramente Materiais.

Todavia, muitas pessoas clamam por socorro às suas angústias e decepções, várias se socorrendo das drogas lícitas ou ilícitas, do lazer atordoante e do consumismo, como formas de suportar o ato de simplesmente continuar vivendo. A essas todas dedicamos esta obra, que pretende ajudá-las.

Também pretendemos corrigir um equívoco propalado por alguns estudiosos, que lhe divulgam o nome do grande filósofo como ligado ao ceticismo árido e descrente das Coisas Divinas,

quando, na verdade, pretendeu sempre colocar a Fé Religiosa em lugar de destaque. Por isso, realçamos, logo no início, sua afeição especial ao ‘Pai Nosso’ e o lugar que essa oração teve na sua vida diária.

Posteriormente, iremos realizar um trabalho idêntico com relação aos Livros II e III dos Ensaios.

Agradecemos a Deus a oportunidade de realizar este trabalho e desejamos que sua leitura seja útil às pessoas que necessitam de Esperança e Incentivo.

O Autor

A HUMILDADE

“Sou eu mesmo a matéria deste livro, o que será talvez razão suficiente para que não empregues teus lazeres em assunto tão fútil e de tão mínima importância.” (p. 97)

Apesar de Montaigne afirmar ser ele próprio objeto da sua observação, avançou muito além dessas fronteiras e procurou analisar tudo que lhe pareceu importante para sua vida e a das pessoas em geral.

A humildade, típica de quem realmente é dotado de uma visão holística do mundo e do Conhecimento, o caracterizava, reservando-se sempre um posicionamento de quem opina e nunca “dá a última palavra” sobre os temas que aborda.

Em inúmeros momentos da obra afirma sua insignificância como ser humano, coisa que desagrade aos arrogantes, mas realmente sempre faz questão de dizer-se pequenino. Todavia, não é de se estranhar essa atitude em um socrático como ele, imitando seu mestre, que afirmava: “Só sei que nada sei”, além de um cristão, que via em Jesus Cristo o Modelo Máximo da humildade.

Realmente, não é comum encontrar-se nos livros dos filósofos tanta afirmação de humildade. Na verdade, costuma-se não encontrar nenhuma, sendo essa uma das características que diferencia Montaigne da maioria dos demais filósofos.

Trata-se de um exemplo a ser seguido, pois a humildade é base para outras tantas virtudes, vindo geralmente acompanhada da generosidade, da paciência, da tolerância etc.

IMUNIDADE À TRISTEZA

“(Da tristeza) Sou dos que menos sentem essa disposição de espírito; não arecio nem a valorizo, embora de um modo geral, e preconceituosamente, os homens a respeitem e estimem.” (p. 102)

A tristeza é sintoma de baixa autoestima, defeito que não caracteriza as pessoas voltadas para a Fraternidade, esta que é o fator dinamizador da vida.

Quem se acha imbuído desse ideal superior não tem espaço interior para o desânimo, a descrença, o pessimismo e outros vícios morais decorrentes do vazio interior.

Quando ocorrem determinados fatos desagradáveis, é natural a tristeza nos abalar por alguns momentos, pois ninguém vai ficar sorrindo nas situações desconfortáveis.

Todavia, o inconveniente é as pessoas se deixarem dominar por esse sentimento mais do que o tempo suficiente para analisar a situação dramática e superá-la.

Há quem cultive a tristeza como se pretendesse ser acalentado pelos outros, por insuficiência de força interior para conviver de igual para igual com as pessoas.

A tristeza sem motivo representa sintoma de doença psicológica, que deve ser tratada com ajuda de psicoterapeutas para não se transformar em doença mental crônica.

O AUTOCONHECIMENTO

“Faze aquilo para que és feito e conhece-te a ti mesmo”,
eis um grande preceito amiúde citado em Platão.” (p. 105)

Já se dizia antigamente que “é preferível ser um bom sapateiro que um mau poeta”.

Quanta gente se ilude com seu potencial pessoal e pretende alcançar as estrelas sem ter base para chegar ao galho mais baixo de uma árvore.

Nossos limites são visíveis a nós mesmos se não tivermos a arrogância como paradigma.

Isso não significa subestimar-se, mas sim enxergar-nos com clareza no espelho da autoanálise, da auto-observação, sem distorsões para mais ou para menos, e investirmos naquilo que é nossa real vocação.

Conhecer-se a si mesmo representa analisar-se em profundidade, sem exagerar defeitos nem virtudes e trabalhar para melhorar-se o quanto possível.

Essa última lição vem dos tempos socráticos e até hoje ainda não foi suficientemente valorizada por grande parte das pessoas, que, ao invés disso, procuram “aparentar” aos olhos alheios, ao invés de realmente “adquirir” as virtudes e qualidades que pretendem ter.

O autoconhecimento é uma das realizações mais importantes do ser humano: daí decorre seu aperfeiçoamento intelecto-moral.

Feliz de quem sabe investir nesse t3pico em exerc3cio di3rio.

A MORTE COMO FONTE DE TRANSFORMAÇÃO

“Tudo nos leva a crer que a morte não é o fim último. A própria natureza nos fornece exemplos de misteriosas relações entre o que não mais existe e o que vive ainda.”

(p. 111)

A morte ainda é tratada como acontecimento temível, principalmente porque as religiões tradicionais assim têm procurado inculcar na mente das pessoas.

Montaigne não avançou muito no esclarecimento desse tema, mas instigou as pessoas a estudarem melhor o assunto.

Para quem acredita que existe vida após o decesso físico fica a certeza de que a transição não é o fim, mas apenas o início de uma nova realidade, cabendo aqui um comentário sobre a crença na reencarnação, segundo a qual se alternam periodicamente as vivências no mundo espiritual e no mundo material, visando a evolução infinita dos seres, rumo a Deus.

Para aqueles que acham que não há vida depois da morte fica a ideia de que o enfraquecimento do corpo chega a um ponto tal que não se sustenta mais a vida física por uma decorrência fatal da Lei da Natureza.

O objetivo deste estudo não é convencer os Prezados Leitores da sobrevivência da alma, mas sim procurar ajudá-los a viver bem enquanto estão neste mundo material, o que já representa uma grande coisa.

Quanto a Montaigne, acreditava na vida após a morte, coisa em que também este comentarista tem como certa, sendo, por isso, a morte encarada como mera transição não-dolorosa entre duas realidades.

UM CORAÇÃO GENEROSO

“Quanto a mim, confio facilmente nos outros, mas não confiaria se viessem a supor tratar-se de um ato de fraqueza ou covardia e não por ser eu franco e acreditar na lealdade de meu adversário.” (p. 116)

Não acreditar em tudo que os outros afirmam é medida de bom senso, mas, por outro lado, enxergar em todas as atitudes alheias a má-fe e o dolo é transformar a vida num verdadeiro inferno, onde se vêem inimigos por toda parte.

Os mestres indianos aconselham a enxergar em cada criatura u’ a manifestação de Deus. Realmente, salvo motivo justo, não se deve ver nas pessoas inimigos, que nos espreitem para nos fazer mal.

A Vida nos devolve em paz ou inquietação o que damos a ela em paz ou inquietação: assim mesmo em relação à maioria das pessoas.

Não que se consagre a ingenuidade e a entrega da nossa intimidade a estranhos, mas a justa medida entre a confiança irrestrita e a desconfiança contumaz.

Saber viver é um aprendizado constante, onde vamos aumentando o número de amigos à medida que trabalhamos pelo bem comum, sem precipitação nem cautela doentia.

FAZER O MELHOR ENQUANTO É TEMPO

“Na medida de minhas forças, procurarei evitar de nada dizer após a morte que não haja dito em vida, e abertamente.” (p. 119)

Tudo que se entende dever falar ou fazer deve sê-lo para produzir efeito enquanto há utilidade. Aguardar o futuro para iniciar alguma obra útil representa correr o risco de ficar tudo só na intenção.

A “transparência” deve ser valorizada, sempre informada pela intenção de ajudar e nunca com o fito de agredir ou denegrir pessoas ou instituições.

O vício de aguardar-se o futuro para começar alguma realização útil é uma das piores opções de vida. Diz o ditado: “Nunca deixe para amanhã o que pode ser feito hoje.” Trata-se de u’ a medida muito sábia.

Dizem os sábios indianos que o importante é o “aqui e agora”, significando que o momento presente é o importante e o local onde estamos deve ser o palco da nossa atuação. Adiar realizações ou programá-las demais para o futuro fazem com que o futuro chegue vazio.

Jesus Cristo dizia do “pão nosso de cada dia”, não mencionando o “pão do dia seguinte”. Talbém dizia que “a cada dia basta o seu cuidado”.

O presente deve ser vivido com densidade, que o futuro representará o que fizermos do presente.

A FÉ NA AMIZADE

“Prezo a amizade acima de tudo.” (p. 120)

Há quem diga que os amigos são muito poucos, havendo, em seu lugar, muita hipocrisia e espírito interesseiro.

Todavia, se é que há poucos “amigos do peito”, os há muitos amigos, dependendo, é claro, da boa-vontade e simpatia com que são tratados.

A melhor fórmula para se conquistar amizades é estar o mais possível aberto à convivência sem maiores formalidades.

Voltaire dizia que: “Um amigo vale mais que cem sacerdotes”. Realmente, as pessoas valem no meio social pelo número de bons amigos que conquistaram.

Há situações em que um amigo consegue mais em nosso favor do que se tivermos muito dinheiro ou poder.

Aristóteles afirmava que: “Para haver amizade é necessário que as pessoas estejam no mesmo nível intelecto-moral e social”, mas essa afirmativa não corresponde à realidade, pois o que vale é o grau de dedicação existente entre eles.

Alguém já disse que: “O melhor na amizade não é poder contar com o amigo, mas saber que se pode contar com ele”.

Na Roma Antiga dizia-se: “Quando conquistares novos amigos não te esqueças dos antigos.”

A amizade é um dos sentimentos mais nobres no ser humano e preenche-nos a vida de felicidade.

A CAPACIDADE DE RESUMIR

“... a concisão do meu falar...” (p. 121)

A concisão no falar deve ser entendida como a capacidade de escrever de forma resumida, apesar de clara. Falar pouco é mau sinal, que geralmente é entendido como desinteresse pelas pessoas.

Saber escrever resumidamente, mas com clareza, é uma das maiores virtudes do escritor.

A prolixidade cansa quem lê.

Hoje em dia não há mais espaço para os textos longos demais.

As pessoas querem obter o máximo de informações em textos curtos.

A simplicidade das palavras também é importante, pois o objetivo dos textos escritos é ser compreendido pelos leitores.

A linguagem da Informática veio contribuir para a concisão através dos símbolos, que substituem palavras e frases.

O saudosismo é uma das piores coisas na arte da comunicação.

Monteiro Lobato propunha que se escrevesse como se fala, o que, de uma forma diferente, se vem fazendo, com a simplificação das regras gramaticais e da ortografia.

Deverá chegar uma época em que se utilizem poucos símbolos para se expressão muitas ideias.

A concisão é uma virtude, que, as novas gerações vêm ajudando a melhorar, apesar da estranheza que causam aos “velhos”.

O HÁBITO DA VERDADE

“Mentir é um vício odioso.” (p. 122)

A mentira demonstra desconfiança em si mesmo e nas outras pessoas, sintoma de baixa autoestima, que deve ser tratada, de preferência com auxílio de profissionais da Psicologia.

Não representa mero vício fácil de ser superado, mas sintoma, muitas vezes, de medos recalcados, insegurança, traumas etc.

Francisco Cândido Xavier dizia: “Nunca joguei a verdade na cara das pessoas”, significando que não agredia as pessoas com as verdades cocantes.

Ser amigo da verdade não significa enxovalhar a dignidade alheia com afirmações ofensivas, mas sim procurar sempre pautar sua própria conduta pela coerência com os princípios ético-morais.

Quanto a pretender fazer o papel de censor da vida alheia trata-se de um defeito moral grave, resultado da arrogância ou algum outro desvio psicológico, que deve ser tratado e nunca tido como virtude.

As afirmações de Montaigne refletem sua preocupação com seu autoaperfeiçoamento e não alguma intenção de interferir na vida alheia.

CONFIANÇA NA INSPIRAÇÃO

“O acaso é meu senhor: a oportunidade, a companhia, o próprio fogo das minhas palavras atuam sobre meu espírito que produz então muito mais do que quando com ele me isolo, o consulto e o obrigo a trabalhar. Daí valerem mais minhas palavras do que meus escritos...” (p. 126)

Escrever trabalhos acadêmicos exige disciplina e vontade firme de levar um estudo até o final. Todavia, nem sempre representam grande contribuição ao Conhecimento.

O “acaso” aqui pode ser interpretado como a Inspiração, fonte de grandes obras, tanto na Filosofia, quanto na Ciência, na Arte e na Religião: quem se dedica a qualquer dessas áreas entende o significado da Inspiração.

Alguns a atribuem a Deus, outros a seres espirituais e assim por diante, mas que ela é palpável o é mesmo.

Montaigne deixava que suas ideias fluíssem ao acaso, mas, como estava sempre voltado para a autoanálise sincera, sem nenhuma intenção de ludibriar a própria consciência, a fonte da Inspiração o inundava de pensamentos saudáveis, que ele transcrevia para o papel e lhe serviam de temas de reflexão para seu autoaprimoramento.

A boa-fé é o melhor condutor da Inspiração Superior, enquanto que a malícia, o egoísmo e a falsidade “entopem” o

canal que nos liga à Divindade, impedindo que ideias superiores nos cheguem à mente.

Alguns conseguem estar sempre inspirados, enquanto outros lutam com as ideias, que lhe embaralham a mente mal intencionada.

COMO SE PROCESSA A INSPIRAÇÃO

“O demônio familiar de Sócrates [2] consistia provavelmente em certas inspirações que se apresentavam a ele sem passar pela razão. Em alma tão pura quanto à sua, feita por inteiro de sabedoria e virtude, é de crer-se que, embora ousadas e admissíveis, tais inspirações eram sempre importantes e dignas de se ouvirem. Não há quem não sinta em si mesmo por vezes semelhante obsessão de uma ideia brusca, veemente e fortuita. Cabe a cada um de nós dar-lhe ou não certa consistência, a respeito do que manda a prudência à qual fazemos ouvidos moucos, tive-as eu próprio, carecedoras de razão mas violentamente persuasivas, ou ao contrário (como era o caso de Sócrates), e a elas me abandonei com tamanha felicidade que quase poderia atribuir-lhes uma origem divina. (p. 129)

Ainda a Inspiração, que Montaigne confirma, principalmente no final da sua citação...

Quanto a Sócrates, afirmava que seres espirituais conversavam com ele e lhe transmitiam grandes ensinamentos. Aliás, assim fizeram muitos outros grandes homens e mulheres, inclusive religiosos das mais variadas correntes, dentre os quais católicos, categorizados como santos e santas.

Sócrates nunca teve receio de afirmar qualquer fato em que acreditasse, inclusive esse do seu contato permanente com seus orientadores que habitavam o mundo dos espíritos.

Montaigne, parece, não quis arrostar as iras da Igreja Católica, o que aconteceria caso aderisse explicitamente à tese da comunicabilidade entre vivos e mortos, principalmente pelo fato da disputa violenta que estava acontecendo entre católicos e protestantes, tudo sob os olhos atentos e cruéis do Tribunal do Santo Ofício, que já tinha mandado para a fogueira centenas de livres-pensadores que ousaram contraditar seus dogmas.

O importante, nesta passagem de Montaigne, é sua afirmação na crença da origem superior, divina, de suas inspirações, pois que era um homem de boa-fé e boa índole, voltado para o Bem.

A OPÇÃO PELA SIMPLICIDADE

“Libertando-me, quanto a mim, o mais possível de quaisquer atitudes cerimoniais...” (p. 131)

A mentalidade cerimoniosa é um dos maiores empecilhos para a aquisição e manutenção da amizade, além de representar uma complicação em qualquer área em que se apresente.

As pessoas realmente superiores são avessas à mentalidade cerimoniosa. Os pedantes é que a valorizam...

Mesmo sendo nobre de nascimento, procurava desvencilhar-se da arrogância da maioria dos da sua classe social.

A vida desvestida dessas frioleiras passa a fluir de forma muito mais agradável, porque as pessoas são essencialmente iguais, premidas pelas mesmas necessidades básicas, não havendo razão para distanciamentos nem ideia de falsa superioridade.

A forma direta e simples de convivência entre as pessoas traduz maturidade e espírito democrático.

Aliás, os modelos que Montagne adotava: Jesus Cristo e Sócrates, nunca foram a favor de qualquer cerimônia que fosse.

A SUPERIORIDADE DA ALMA SOBRE O CORPO

“O que faz com que tão impacientemente suportemos a dor é que não estamos habituados a procurar em nossa alma nossa principal satisfação; não contamos suficientemente com ela, que é a única e soberana senhora de nossa condição neste mundo. [...] a alma, sob formas diversas e variadas e segundo o estado em que se acha, submete a si sensações do corpo e outros acidentes. Daí a necessidade de estudá-la, e acordar nela seus meios de ação que são todo-poderosos. [...] A alma tira partido de tudo indiferentemente: erro e sonho servem-lhe tanto quanto a realidade, para nos proteger e satisfazer. É fácil verificar que nosso estado de espírito é que excita em nós a dor e a volúpia...” (p. 139)

Aqui estão muitos ensinamentos em poucas linhas, que poderiam ser desdobrados em verdadeiros tratados, mas, como são evidentes por si mesmos, sua leitura e releitura podem esclarecer sem gerar nenhuma dúvida.

Todavia, vamos fazer alguns comentários mínimos.

Na verdade, somos uma alma habitando um corpo. Nossa essência é espiritual. Controlamos o corpo com mais firmeza ou fraqueza de acordo com nossa elevação espiritual.

Sabe-se de faquires indianos que suportam dores intensas e situações extremas de desconforto físico com base no seu domínio

sobre o corpo. Esses são casos raros para nossa mentalidade ocidental, voltada demais para a valorização do corpo em detrimento da alma.

Todavia, mesmo sendo ocidentais, portanto despreparados para esse tipo de esforço, não devemos inverter a ordem dos valores, entendendo que o corpo valha mais que o espírito.

O corpo deve ser cuidado com os recursos médicos e terapêuticos em geral, mas não considerado como nossa realidade mais importante.

Montaigne aconselhava a estudarmos a nós mesmos mais pelo que somos (espíritos) do que corpo.

Assim fazendo, estaremos realizando o autoconhecimento socrático.

A HONESTIDADE NOS NEGÓCIOS

“Sinto naturalmente algum prazer em pagar o que devo, como se me desfizesse de um fardo incômodo, imagem da servidão. Por outro lado, satisfaz-me fazer algo justo e que contente a outros.” (p. 144)

Não é todo mundo que sente satisfação em pagar o que deve, sendo menor ainda o número dos que pensam em contentar os outros, de verdade.

A honestidade é uma virtude que comporta algumas considerações.

A intenção de lucrar acima do razoável pode viver disfarçada de mil maneiras, dentre as quais a demora em quitar alguma dívida.

Montaigne se preocupava não só em desvencilhar-se da cobrança consciencial, que o obrigava a pagar logo o que devia, como também queria poder fazer felizes as pessoas, o que realizava de variadas formas.

Importante na nossa vida é contribuir para a felicidade alheia.

Mesmo que as pessoas não se dêem conta de que nossa contribuição as ajudou, ou sequer se preocupem em agradecer-nos os favores, a felicidade habitará intensamente em nós.

“Quem faz o Bem é o mais beneficiado”.

A FINALIDADE CONSTRUTIVA DE CADA COISA

“Todas as coisas dependem da maneira por que são encaradas: o estudo é motivo de tormento para o preguiçoso; o beerrão sofre sem o vinho; a frugalidade é um suplício para o comilão; o exercício uma tortura para o delicado ocioso, etc. As coisas não são nem dolorosas nem difíceis em si. Para julgar de sua elevação e grandeza é necessário uma alma com essas qualidades, sem o que lhes atribuiríamos nossos próprios defeitos.” (p. 148)

Cada um enxerga as pessoas e os fatos de acordo com suas próprias lentes. O que para uns parece bom e agradável, para outros pode ser tido como nocivo e insuportável.

Julgar as pessoas é uma das mais ingratas tarefas e que devemos evitar, sob pena de condenarmos todos que pensam diferente de nós e absolvermos nossos iguais, gerando injustiças.

Somente quem alcançou muito Amor consegue enxergar holisticamente e, coisa interessante, esses não julgam e, muito menos, condenam...

Cada pessoa tem um nível de compreensão, visa determinados objetivos, pensa da forma que sua capacidade permite, mas todas contribuem, de alguma forma, mesmo sem o saberem, para a melhoria do conjunto.

Algumas procuram fazer o mal, mas, mesmo assim, servem de alerta para outras e terminam por ser úteis, como o veneno em doses corretas é importante como remédio.

É difícil entender tanta diferença entre as pessoas, mas Deus sabe a finalidade de cada situação e faz tudo convergir para o Progresso.

Nossa capacidade de compreensão é limitada, mas a Mente Divina a tudo abarca e trabalha para o Progresso Geral.

NUNCA SE DESGOVERNAR PELO MEDO

“O medo é a coisa de que mais medo tenho no mundo. Ele ultrapassa, pelos incidentes agudos que provoca, qualquer outra espécie de acidente.” (p. 155)

O medo retrata nosso estado de desconhecimento de alguma coisa. Quem tem medo é insciente, despreparado, desconhecedor.

Há quem tenha medo de muita coisa que não deveria inspirar medo. Pode representar um problema psicológico, que deve ser tratado com a ajuda de psicoterapeutas.

É natural que se tenha medo de situações perigosas, mas a emoção deve passar pelo crivo da razão, sob pena de viver-se intimidado por quimeras e situações de gravidade mínima.

É importante que se eduquem as crianças em contato com a realidade, para que se habituem a enfrentar com a naturalidade possível as situações de risco que ocorrerão, certamente.

Muitas vezes vêm-se adultos despreparados para enfrentar os riscos normais da vida, porque seus pais os superprotegeram durante a infância.

A vida apresenta situações imprevisíveis, mas devemos estar preparados para todas elas, inclusive para a mais temida delas, que é a morte, uma vez que todos estamos sujeitos a ela.

Morrer não deve ser objeto de pavor, mas sim da certeza de que passaremos por esse estado, que nos levará desta realidade

material para outra, onde continuaremos vivos, sob outras leis e referenciais. Afinal, aqui também se aplica a afirmativa de Lavoisier: “Na Natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma.”

APRENDER A VIVER BEM

“A vida em si não é um bem nem um mal. Torna-se bem ou mal segundo o que dela fazeis.” (p. 168)

Cada um vive conforme seus próprios valores. Na verdade, a maioria simplesmente, sem o saber, repete os padrões familiares, avançando muito pouco em termos de melhoria de paradigmas.

Simplesmente repetir vícios familiares não faz ninguém caminhar no rumo da Felicidade.

É importante estarmos sempre repensando nossos modelos e abandonando aqueles que não condizem com o Melhor.

Por isso o autoconhecimento é importante, uma vez que nos faz sempre verificar se estamos “andando em círculos” ou estamos realmente nos tornando pessoas melhores no sentido intelecto-moral.

Jesus Cristo disse: “Onde o homem tiver seu tesouro aí estará o seu coração.” Nossos objetivos são o retrato da nossa individualidade: quem pretende o dinheiro pelo dinheiro é usurário; quem procura o poder pelo poder é ambicioso; quem pretende o gozo sem limites é desregrado; mas quem sabe dosar todas as tendências em benefício próprio e da coletividade aprendeu a ciência de bem viver.

VIVER PLENAMENTE

“Qualquer que seja a duração de vossa vida, ela é completa. Sua utilidade não reside na duração e sim no emprego que lhe dais. Há quem viveu muito e não viveu. Meditai sobre isso enquanto o podeis fazer, pois depende de vós, e não do número de anos, terdes vivido bastante.”

(p. 169)

O conteúdo da vida depende de como vivemos cada minuto da existência.

A vida simplesmente “empurrada com a barriga” é uma das piores opções que podemos adotar.

A utilidade deve ser medida na divisão exata entre nossos interesses e os da coletividade, ou seja, se nosso progresso beneficia o meio onde vivemos, todos nossos muitos ou poucos anos de vida representarão tudo, o máximo.

Alguém já falou que é melhor viver “plenamente” a viver “longamente”, sendo o caso mais típico o do próprio Jesus Cristo, que não precisou mais do que 33 anos para traçar um novo paradigma para a humanidade.

A FORÇA DO PENSAMENTO

“Uma imaginação fortemente preocupada com um acontecimento pode provocá-lo’, dizem os clérigos.” (p. 171)

O pensamento é a mais importante força do Universo. As pessoas que têm desenvolvida essa potência adquirem condições excepcionais de melhorar sua qualidade de vida e influenciar positivamente o meio onde vivem.

No entanto, para quem é adverso a este assunto não adianta relacionarem-se experiências científicas, testemunhos e confirmações, que o resultado será pura perda de tempo.

Na Rússia e nos Estados Unidos utilizam-se algumas pessoas dotadas de poderes paranormais com finalidades militares e policiais. Aos interessados em conhecer melhor tais informes basta procurar a literatura especializada.

AUTOANÁLISE SINCERA

“...quem se analise a si mesmo, verá no fundo do coração que a maioria de seus desejos só nascem e se alimentam em detrimento de outrem.” (p. 180)

Apesar de tentarmos esconder nossas pequenas e grandes maldades, a verdade é que agrada-nos saborear a desgraça alheia...

A ideia de competição é reminiscência atávica do instinto animal, retrato do atraso ético-moral que ainda nos caracteriza.

Esforçar-se por superar esse atavismo representa uma luta importante portas a dentro da nossa própria consciência.

Feliz de quem compete apenas consigo próprio, trabalhando por ser hoje melhor do que foi ontem e amanhã melhor do que hoje.

Quem compete com os outros se esquece frequentemente de melhorar a si próprio.

O ENSINO DAS VIRTUDES ÀS CRIANÇAS

“É preciso ensinar cuidadosamente as crianças a odiar os vícios para os quais mostram inclinação; é preciso realçar a seus olhos a fealdade natural do ato, não somente a fim de que não o pratiquem mas também que os aborreçam do fundo do coração; em suma, para que a simples ideia lhes cause horror, qualquer que seja a sua feição.” (p. 182)

Há pais e mães que, mesmo indiretamente, incentivam os piores defeitos morais nos seus filhos. Alguns são desencaminhados com discursos diretos e outros com seus maus exemplos.

No futuro, os próprios pais e mães costumam ser vítimas dos defeitos que incentivaram nos filhos.

A melhor e mais convincente forma de ensinar as virtudes é pelo exemplo.

Os defeitos morais podem ser englobados em três: orgulho, egoísmo e vaidade, sendo o primeiro o amor-próprio levado a extremos, o segundo a incapacidade de renunciar em favor dos outros e o terceiro o desejo de estar sempre em evidência.

As crianças tendem a ser egoístas, devendo-se gradativamente esclarecê-las para que, na fase adulta, não transformem em pessoas imaturas e egocêntricas, incapazes de “enxergar” os outros e a coletividade. Infelizmente, há muitos casos desse tipo, fruto de defeituosa educação na infância.

HONESTIDADE ESPONTÂNEA

“Sinto-me sempre e espontaneamente impelido a hostilizar a trapaça por mais insignificante que seja o passatempo a que me dedique.” (p. 183)

Trapacear significa exercitar a astúcia, forma equivalente, em primitivismo, à violência.

Os animais são dotados, geralmente, de violência e astúcia, que utilizam quando necessário.

Nós, humanos, não devemos imitar os irmãos dos reinos inferiores da Natureza.

A lealdade é a face oposta da astúcia, representando uma das mais importantes virtudes, apanágio dos homens e mulheres superiores.

Diz um ditado que: “Pelo dedo se conhece o gigante.” Por algumas atitudes aparentemente insignificantes pode-se avaliar a índole das pessoas. O trapaceiro e o desonesto costumam usar de expedientes escusos até nas brincadeiras mais inocentes.

TER CONVICÇÕES PRÓPRIAS MAS NÃO
GUERREAR A SOCIEDADE

“O sábio precisa concentrar-se e deixar a seu espírito toda liberdade e faculdade de julgar as coisas com serenidade, mas quanto ao aspecto exterior delas cabe-lhe conformar-se sem discrepância com as maneiras geralmente aceitas.

(p. 191)

O fato de verificarmos na vida social certos costumes e hábitos um tanto tolos não deve nos levar ao confronto direto com eles, se não são prejudiciais. Caso contrário, estaremos em conflito permanente com as regras sociais, o que é lamentável.

ESPÍRITO PÚBLICO

A opinião pública nada tem a ver com o nosso pensamento, mas o resto, nossas ações, nosso trabalho, nossas fortunas, e nossa própria vida, cumpre-nos colocá-lo a serviço da coletividade e submetê-lo à sua aprovação.” (p. 191)

Montaigne defendia a ideia de que as pessoas devem ter espírito público quando dizia que se devem colocar a serviço da coletividade “*nossas ações, nosso trabalho, nossas fortunas, e nossa própria vida*”.

Esse ideal funcionou como germinador da Fraternidade, que, no século XIX, iria se somar aos da Liberdade e Igualdade da Revolução Francesa.

A INSTRUÇÃO SEM BOM-SENSO E SEM VIRTUDES

“Em verdade, os cuidados e despesas de nossos pais visam apenas encher-nos a cabeça de ciência; de bom-senso e virtude não se fala.” (p. 205)

Infelizmente, ainda hoje prevalece essa mentalidade dos pais, muito mais preocupados em dotar seus filhos de um diploma universitário, na maioria dos casos, e, se possível, de uma herança vultosa, do que prepará-los como homens e mulheres de bem, ou sejam, pessoas que vão desempenhar um papel conscientemente útil na sociedade, trabalhando para o progresso das pessoas e das instituições.

Essa visão mercantilista e egocêntrica é causadora de todos os males sociais, pois as pessoas em geral não são ensinadas, no lar, a ser cidadãs no sentido melhor da palavra.

Montaigne preconizava a importância do bom-senso e das virtudes sobre a mera instrução, o que representa uma verdade inquestionável, pois há muita gente instruída sem um mínimo de senso e quase nenhuma virtude.

A sociedade patrimonialista cria verdadeiros monstros humanos, que sugam o sangue do povo e não enxergam a não ser o próprio umbigo.

A MEMORIZAÇÃO SEM RACIOCÍNIO

“Cuidamos das opiniões e do saber alheios e pronto; é preciso torná-los nossos. [...] Que adianta ter a barriga cheia de comida se não a digerimos? Se não a assimilamos, não nos fortalece e faz crescer!” (p. 207)

As escolas, desde os primeiros anos, até à formação universitária, ainda têm como foco muito mais transmitir informações prontas e acabadas do que despertar nos estudantes o espírito de pesquisa.

Normalmente, somos repositórios de dados, que muito bem poderiam estar arquivados nos computadores e bibliotecas, ao invés de investigadores nas áreas que escolhemos.

Trata-se de um erro grave da Pedagogia reinante, apesar dos teóricos da área pregarem diferentemente.

Os professores, normalmente mal remunerados, desinteressam-se em dar o melhor de si, que seria ensinar despertando a curiosidade dos alunos ao invés de repassar-lhes dados estereotipados mas úteis apenas como exercício da memória.

Aprender a raciocinar é muito mais importante que decorar informações, pois na vida profissional os casos atípicos fazem parte do dia-a-dia. Quem não sabe improvisar não tem muita chance na vida real.

A capacidade de encontrar soluções deveria ser objeto do aprendizado desde o começo da vida escolar.

UM JUIZ INSATISFEITO COM A JUSTIÇA

“Prouvera a Deus que para o bem de nossa justiça fossem os nossos tribunais tão ricos de bom-senso e de consciência quanto de ciência. Infelizmente, ‘não aprendemos a viver, mas a discutir’.” (p. 209)

Montaigne foi magistrado por alguns anos e acabou renunciando ao cargo por se sentir como um “peixe fora da água” no ambiente forense.

Sua afirmativa é contundente, mas, infelizmente, ainda traduz a realidade, atualmente graças a concursos mal idealizados, onde se prioriza o conhecimento técnico-jurídico em detrimento da avaliação vocacional. Os resultados são desastrosos...

Bom-senso não se aprende na escola, nem consciência reta.

Quanto a viver bem igualmente. Discutir se aprende nas universidades, o que leva ao agravamento de muitos problemas jurídicos, que deveriam ser abordados com mentalidade conciliadora.

Felizmente, inicia-se uma Era Nova no Judiciário.

O APRENDIZADO PRÁTICO

“A propósito, perguntou-se a Argesilau [3] que deviam, na sua opinião, as crianças aprender, ao que ele respondeu: o que terão de fazer quando crescerem.” (p. 211)

O estudo é sempre importante, todavia, mais do que ele, os alunos devem ser ensinados que estão sendo preparados para o trabalho, quando forem adultos.

Impregna-se, atualmente, a ideia subliminar na mente dos jovens de que o trabalho é um ônus que se deve adiar ao máximo.

Mas quem não se prepara para a vida laborativa tende a tornar-se um peso morto na sociedade, desajustado no meio onde vive.

O Conhecimento deve ser sempre direcionado para a utilidade, isso, porém, sem significar que somente a “formiga” tenha valor, enquanto que a “cigarra” deva morrer de fome e frio.

Tanto uma quanto outra devem envidar esforços para a melhoria da qualidade de vida de todos.

Nosso cérebro é como uma estante com capacidade pré-estabelecida: se ali colocamos papéis inúteis, não haverá espaço para os documentos realmente importantes. Também chega uma fase da vida, numa idade mais avançada, em que menos se absorve de informações. Então, o que ali está armazenado, seja útil ou inútil, não pode ser retirado para dar lugar a outros dados. Trata-se de escolher como usar as prateleiras...

Infelizmente, as escolas e professores costumam não levar em conta essa realidade como deveriam...

A LEITURA DE BONS AUTORES

“Não me enfronhei em nenhum livro sólido senão nos de Plutarco [4] e Sêneca [5] ...” (p. 213)

Sempre é útil termos autores preferidos, que funcionam como mestres a quem, de uma forma ou de outra, imitamos.

A guru indiana Amma afirma que devemos procurar nosso mestre, significando com isso que o bom caminho é seguirmos os nossos Maiores, ao invés de estarmos a “reinventar a roda” a todo momento.

Isso, todavia, não significa escravidão mental, mas sim termos algumas referências importantes para a vida.

Há quem leia sem selecionar realmente aqueles que detêm qualificação para falar com autoridade.

Saber escolher os bons autores é uma virtude.

Montaigne tinha dois autores preferidos, no que tinha razão, pois há quem escreva com pouca qualidade nas informações que repassa ou sem maiores compromissos com a Ética.

A EDUCAÇÃO INFANTIL

“... a maior e mais importante dificuldade da ciência humana parece residir no que concerne à instrução e à educação da criança. O mesmo acontece na agricultura: o que precede à sementeira é certo e fácil; e também plantar. Mas depois de brotar o que se plantou, difíceis e variadas são as maneiras de tratá-lo. Assim os homens: pouco custa semeá-los, mas depois de nascidos, educá-los e instruí-los é tarefa complexa, trabalhosa e temível. O que se revela de suas tendências é tão tênue e obscuro nos primeiros anos, e as promessas tão incertas e enganadoras que se faz difícil assentar um juízo seguro.” (p. 216)

Na verdade, Deus é Pai e Mãe de cada criatura. Somos apenas orientadores, de má ou razoável qualidade, muitas vezes bem intencionados, mas sem nenhuma garantia de que nosso trabalho será bem sucedido.

O fato de fazermos o melhor já deve nos tranquilizar a consciência.

O futuro dos nossos filhos pertence a eles e é supervisionado por Deus.

Não devemos procurar protegê-los de mais nem de menos, pois, em ambos os casos estaremos prejudicando-lhes o desenvolvimento. A medida justa é ditada pelo Amor verdadeiro, que não significa necessariamente concordar com eles em tudo.

O dever de educar moralmente os filhos é dos pais e não devemos nos omitirmos nesse ponto, pois a educação moral é mais importante que a instrução.

Um cidadão instruído, mas moralmente descredenciado, representa uma “bomba relógio ambulante”, capaz de implodir uma coletividade inteira e a si próprio, enquanto que uma pessoa de bem é sempre um elemento útil em qualquer atividade que desempenhe, independente do seu grau de instrução.

A MAIÊUTICA SOCRÁTICA

“... para um rapaz que mais desejaríamos honesto do que sábio, seria útil que se escolhesse um guia com cabeça bem formada mais do que exageradamente cheia e que, embora se exigissem as duas coisas, tivesse melhores costumes e inteligência do que ciência. Mais ainda: que exercesse suas funções de maneira nova. [...] ... desde logo, segundo a inteligência da criança, começasse a indicar-lhe o caminho, fazendo-lhe provar as coisas, e as escolher e discernir por si próprio, indicado-lhe por vezes o caminho certo ou lho permitindo escolher. Não quero que fale sozinho e sim que deixe também o discípulo falar por seu turno. Sócrates, e posteriormente Argelissau, obrigavam os discípulos a falarem primeiro e somente depois falavam eles próprios. [...] Quanto aos que, segundo o costume, encarregados de instruir vários espíritos naturalmente diferentes uns dos outros pela inteligência e pelo temperamento, a todos ministram igual lição e disciplina, não é de estranhar que dificilmente encontrem em uma multidão de crianças somente duas ou três que tirem do ensino o devido fruto.” (p. 217)

Maria Montessori [6] foi uma das mais importantes expressões da Pedagogia, apesar de ser médica por formação. Ela praticava o que Montaigne preconizou séculos antes.

Aconselha-se a leitura de suas obras e o contato com sua Pedagogia.

Muita gente trabalha no Magistério como “bico”, tomando o lugar dos verdadeiramente vocacionados, estes últimos que dedicam todas as suas energias para o desenvolvimento dos alunos.

Despertar a inteligência dos alunos é um dom que somente os verdadeiros mestres detêm, caracterizados que são por um carisma e um dom especiais.

O DESENVOLVIMENTO DO RACIOCÍNIO DA CRIANÇA

“Tudo se submeterá ao exame da criança e nada se lhe enfiará na cabeça por simples autoridade e crédito. [...] Apresentem-se-lhe todos em sua diversidade e que ele escolha se puder. E se não o puder fique na dúvida, pois só os loucos têm certeza absoluta em sua opinião.” (p. 218)

Ensinar é uma ciência de que poucos têm o domínio, apesar do grande número de professores e pais.

Infelizmente, muitas pessoas têm filhos sem a mínima maturidade para assumir a paternidade e a maternidade e muitos professores escolhem a profissão sem Amor verdadeiro ao ser humano, requisito básico para ensinar com real proveito.

Sem Amor pouco se consegue, nessas áreas e em todas as outras.

A Pedagogia é uma ciência que mereceria maior aprofundamento.

Os professores deveriam ser melhor recrutados e melhor remunerados.

ORIENTAÇÕES PRÁTICAS AOS EDUCADORES

“Saber de cor não é saber: é conservar o que se entregou à memória para guardar. [...] Triste ciência a ciência puramente livresca! [...] ... a visita a países estrangeiros... para observar os costumes e o espírito dessas nações e para limar e polir nosso cérebro ao contato dos outros. Gostaria que fizessem a criança viajar desde pequena e em primeiro lugar pelos países vizinhos cuja língua se afasta mais da nossa...” (p. 219)

São essas algumas das muitas indicações que Montaigne apresenta, que colhemos quase ao acaso.

A criatividade de quem ensina deve ser quase ilimitada, nunca se devendo simplesmente repetir modelos, por mero comodismo.

Falhando a formação inicial, é difícil recuperar-se a etapa mal vivida.

Aliás, afirma-se, com razão, que as informações decisivas são as primeiras, enquanto que as posteriores são meras complementações, muitas delas sem utilidade.

Viajar deve fazer parte da formação da criança, aprender pelo menos um idioma estrangeiro igualmente.

O VALOR DA EDUCAÇÃO FÍSICA

“... quem quiser fazer do menino um homem não o deve poupar na juventude nem deixar de infringir amiúde os preceitos dos médicos: ‘que viva ao ar livre e no meio dos perigos’. Não basta fortalecer-lhe a alma, é preciso também desenvolver-lhe os músculos. [...] É preciso acostumar o jovem à fadiga e à aspereza dos exercícios a fim de que se prepare para o que comportam de penoso as dores físicas, a luxação, as cólicas, os cautérios,...” (p. 220)

“Mente sã em corpo sã” é a regra.

O que se pode acrescentar é que, atualmente, também as meninas devem ser conduzidas às atividades esportivas e ao trabalho braçal compatível, uma vez que a própria Medicina assim recomenda.

Infelizmente, ingressando na faixa dos quarenta anos, homens e mulheres costumam afastar-se totalmente das atividades esportivas ou braçais, tornando-se velhos precocemente.

As atividades físicas planejadas são recomendáveis até o último dia de vida, com orientação de profissionais competentes.

Montaigne aprendeu com seu pai, que era um atleta destacado, a valorizar as atividades físicas até o final da vida.

O UNIVERSALISMO

“Perguntaram a Sócrates de onde ele era e ele não respondeu: de Atenas, mas: do mundo. Para ele, cuja inteligência mais vasta e aberta que a de outrem abarcava o universo e dele fazia sua cidade, o objeto de sua afeição era o gênero humano; e não agia como nós que apenas olhamos em torno de nós.” (p. 223)

Temos de aprender a enxergar em cada pessoa um filho de Deus, olhando-a nos olhos, não como potencial inimigo, mas como nosso igual em todos os sentidos, mesmo que nos diferenciem a qualidade do vestuário e da moradia.

Não deve haver “divisões” entre nós e as demais pessoas.

Por pensar e agir assim – e unicamente por isso – Sócrates foi considerado o mais sábio do seu tempo.

Na fase atual da Civilização é irracional qualquer tipo de discriminação.

A OBSERVAÇÃO ISENTA CONDUZ À HUMILDADE

“A infinita diversidade de costumes, seitas, juízos e opiniões, leis ensina-nos a apreciar sadiamente os nossos, a reconhecer suas imperfeições e fraquezas naturais, o que já não é pouco. Tantas revoluções nos diferentes países, tantas mudanças nos destinos públicos, induzem-nos a não encarar como extraordinários os nossos. Tantos nomes, tantas vitórias e conquistas enterradas no esquecimento tornam ridícula a esperança de eternizar o nosso nome pela captura de dez archeiros e de uma piolheira conhecida tão somente pelos que dela se assenhorearam. [...] Nossa vida, dizia Pitágoras, assemelha-se à grande e populosa assembleia dos jogos olímpicos. Uns se exercitam para conquistar a glória; outros levam uma mercadoria para vender e ganhar. Outros, e não são os piores, nada querem senão ver o porquê e o como de cada coisa e ser espectadores da vida dos outros para assim julgarem e regularem a sua.” (pp. 223-224)

A clareza das reflexões acima dispensa qualquer comentário. Aconselhamos apenas sua leitura e releitura com calma, sem pressa, procurando saborear esse “manjar dos anjos”...

Todavia, podemos acrescentar que a observação atenta da nossa própria biografia e dos nossos heróis mostra que quase

todos somos “estátuas de pés de barro”. Orgulhar-se demais é esquecer-se de olhar-se no espelho da consciência...

A ESSÊNCIA DA FILOSOFIA

“Mas o ofício da filosofia é serenar as tempestades da alma e ensinar a rir da fome e da febre, não mediante um epícolo imaginário qualquer, mas por meio de razões naturais e sólidas. Tem por fim a virtude, a qual não está, como quer a Escolástica, colocada no cimo de algum monte alcantilado, abrupto e inacessível. Os que dela se aproximaram afirmam-na ao contrário, alojada em bela planície, fértil e florida, de onde se descortinam todas as coisas. Pode-se ir até lá em se conhecendo o local, por caminhos ensombrados, cobertos de relva e suavemente floridos, sem esforço e por uma subida fácil e lisa como a da abóbada celeste. Por não terem frequentado essa virtude suprema, bela, triunfante, amorosa, tão deliciosa quanto corajosa, inimiga declarada e inconciliável do mau humor, do desprazer, do temor e do constrangimento, e que tem por guia a natureza e por companheiros a felicidade e a volúpia, foi por não a frequentarem que, na sua ignorância a julgaram tola, triste, disputadora, aborrecida, ameaçadora e a colocaram sobre um rochedo afastado, dentro do mato, a fim de espantar as gentes como um fantasma.” (p. 226)

A arrogância de muitos pseudofilósofos fez com que as pessoas em geral tomassem verdadeira birra da expressão Filosofia.

Na verdade, filosofar era natural em pessoas como Montaigne, Francisco de Assis, Gandhi, Madre Teresa de Calcutá etc. porque amam a humanidade.

Os filósofos negativistas representam verdadeiras anomalias nessa área do Conhecimento que deve conduzir a Deus e à Felicidade.

Há filósofos que mais parecem matemáticos do que estudiosos da “ciência de viver bem”, mas esses são interessantes apenas para quem gosta de raciocinar por diletantismo e sem contribuição alguma para a melhoria da qualidade de vida.

A VERDADE CONVENCE PELA LÓGICA

“Sócrates, seu adepto favorito, propositadamente recusou-se a impô-la pela força, e passou a contar com a simplicidade e a brandura para fazê-la vencedora.” (p. 227)

Ensinar exige Amor. Impor as lições pela violência significa despreparo de quem se propõe a ser mestre.

Sócrates era brando e simples e seus adeptos conseguiam assimilar tudo que ele lhes dizia.

A simplicidade é o dom dos evoluídos. A brandura é a emanção dos generosos.

Complexidade e rudeza são vícios que desmerecem respectivamente a inteligência e a Ética.

A FILOSOFIA É A CIÊNCIA DE VIVER BEM

“... *a filosofia é a ciência que nos ensina a viver...*” (p. 228)

A Filosofia é a ciência de viver bem.

Dispensável qualquer comentário.

Quem pretender estabelecer uma polêmica sobre o que seja “viver bem” não entendeu o mínimo do que seja a Vida.

VIVER BEM É UMA ARTE

“... a maior de todas as artes: a de bem viver.” (p. 231)

Não importa que se denomine o “viver bem” como arte, ciência ou qualquer outra coisa: o importante é que se procure a qualidade de vida mais próxima do Ideal, com o máximo de requisitos que o bom senso recomenda.

PENSAR BEM PARA BEM EXPRESSAR-SE

“Acredito, e Sócrates o diz formalmente, que quem tem no espírito uma ideia clara e precisa sempre a pode exprimir, quer de um modo quer de outro, por mímica até, se for mudo: ‘não falham palavras para o que se concebe bem’.”
(p. 233)

A multiplicação e a facilitação das formas de comunicação são das coisas mais significativas que se pode realizar, sendo exemplos conhecidos a linguagem dos ícones dos programas de computador, o Esperanto, o idioma Braille e a linguagem gestual dos surdos-mudos.

O importante é que as pessoas pensem com clareza e se expressem com objetividade.

A MODERAÇÃO E A PRUDÊNCIA

“Aprecio os caracteres moderados e prudentes...” (p. 254)

Moderação e prudência não se confundem com frieza e falta de sensibilidade. O idealismo exige ponderação para produzir resultados excelentes e todas as realizações importantes devem ser muito bem pensadas.

Ser moderado é não ser extremista, procurando as soluções que não arrasem o que está construído, mas o aperfeiçoe.

Ser prudente é acautelar-se contra sua própria impetuosidade, que pode provocar danos irreparáveis.

O VALOR MORAL

“O valor de um homem, e a estima que nos inspira, medem-se pelo seu caráter e força de vontade. A valentia não decorre do vigor físico e sim da firmeza de ânimo e da coragem...” (p. 266)

Mohandas K. Gandhi foi um dos homens de melhor caráter, grande força de vontade, valentia, firmeza de ânimo e coragem, apesar de fisicamente desprivilegiado. Por trás dessas qualidades todas, todavia, trazia o Amor Universal, que lhe inspirava todas as atitudes, apoiando as reivindicações dos seus patrícios, mas recusando-se a odiar os ingleses.

Hoje em dia privilegia-se em excesso o aprimoramento da musculatura nas academias de ginástica, mas pouco se tem trabalhado no autoconhecimento, que representa uma ginástica ético-moral, de excelentes resultados para o equilíbrio psicológico.

COMBATER O BOM COMBATE

“A verdadeira vitória reside na maneira por que combatemos e não no resultado final. E não consiste a honra em vencer mas em combater.” (p. 267)

Gandhi continua sendo o exemplo do combatente fiel ao seu lema de não-violência, nunca se permitindo revidar as violências infligidas pelos ingleses quando reivindicava em favor dos seus patrícios indianos.

O resultado da luta pelas Grandes Causas normalmente dá frutos a longo prazo. A precipitação ou a utilização de meios escusos lançam sujidades nessas conquistas. Foi o que ocorreu, por exemplo, com a Revolução Francesa, que gerou problemas graves para o futuro, uma vez que, ao invés de limitar-se à evolução social e política, desbordou para a violência e os abusos.

AS DESIGUALDADES SOCIAIS

“Em segundo lugar observaram que há entre nós gente bem alimentada, gozando as comodidades da vida, enquanto metade de homens emagrecidos, esfaimados, miseráveis mendigam às portas dos outros (em sua linguagem metafórica a tais infelizes chamam ‘metades’); e acham extraordinário que essas metades de homens suportem tanta injustiça sem se revoltarem e incendiarem as casas dos demais.” (p. 268)

Neste trecho Montaigne reproduz as afirmações de três indígenas levados a conversar com o rei Carlos IX da França.

Verifica-se que a gritante desigualdade social é uma criação do “mundo civilizado”, não existindo entre os índios, que chamamos de incivilizados, bárbaros, primitivos.

Montaigne foi um grande entusiasta e divulgador da Cultura Indígena em pleno século XVI, quando recém descoberto o Novo Mundo.

Sua crítica ao modelo social injusto se faz sutil, como sói acontecer nos seus escritos, onde a polidez predomina e nunca se encontram agressões verbais a pretexto de indignação.

ESPÍRITO DEMOCRÁTICO

“Não cometo esse erro tão comum de julgar os outros por mim. Acredito de bom grado que o que está nos outros possa divergir essencialmente daquilo que está em mim. Não obrigo ninguém a agir como ajo e concebo mil e uma maneiras diferentes de viver...” (p. 278)

A mentalidade aberta e democrática simboliza justamente uma das mais importantes conquistas de um ser humano. Adotar a si próprio como modelo para os outros representa arrogância e pobreza de visão. Afinal, somos apenas mais um na multidão de bilhões de habitantes do planeta.

Com u’a mentalidade avessa a julgar as pessoas, Montaigne incompatibilizou-se com o cargo de juiz e, por isso, exonerou-se e passou a dedicar-se a colocar no papel suas reflexões sobre os temas que entendia úteis a si próprio e aos outros.

OS PRÓDROMOS DOS IDEAIS DE LIBERDADE E IGUALDADE

“Não imponho a outrem nem meu modo de vida nem meus princípios; encaro-o tal qual é, sem estabelecer comparações.” (p. 279)

Julgar-se modelo para os outros quanto aos modos de ser e pensar é ignorar as próprias limitações. Comparar pessoas, julgando-lhes os méritos e deméritos é sinal de arrogância perigosa.

Somente quem ama muito tem condições de avaliar as pessoas e situações e procede sempre com amor, portanto, atinando com as soluções corretas, mas essa é uma qualificação que se adquire com muito tempo de dedicação ao aprimoramento interior.

Parece até que os ideais de Liberdade e Igualdade, que compuseram a bandeira dos revolucionários de 1789, nasceram da alma dos Ensaaios de Montaigne.

A SENSIBILIDADE PARA O BELO

“Desde a infância, a poesia produziu em mim o efeito de me penetrar e comover profundamente...” (p. 281)

Deve ser muita árida e dura a vida de quem é apenas “formiga” e nada tem de “cigarra”...

Sensibilizar-se com a Arte é um dom das almas elevadas.

A Poesia é uma das modalidades artísticas mais aprimoradas, pois exige o domínio de um idioma e o senso estético na escolha das palavras mais harmoniosas.

Voltaire dizia que: “Quando um príncipe ama a Poesia já existe uma esperança.”

O RECONHECIMENTO DA TENDÊNCIA À HIPOCRISIA

“Sem dúvida nossas ações, em sua maioria, são máscara e artifício...” (p. 282)

A desconfiança que vigora no relacionamento social nos leva a usar “máscaras” e “artifícios”.

O grande problema é moldarmos nossa fisionomia psíquica às “máscaras” e “artifícios”, perdendo nossas melhores qualidades morais em troca dos interesses materiais...

O reconhecimento sincero dos próprios defeitos já representa um grande começo na procura pela melhoria ético-moral.

A SUPERAÇÃO DO RADICALISMO

“... tudo pode ser encarado de diferentes lados e apresentar aspectos diversos.” (p. 284)

A visão holística dos problemas, pessoas e situações é meta que devemos tentar alcançar, a fim de encontrarmos as soluções mais próximas da ideal.

Quem analisa tudo sob sua própria ótica aplica a todo mundo o famoso “leito de Procusto”, que consistiria em fazer as pessoas deitarem naquela famosa cama: quem era de maior estatura e lhe ultrapassava o limite tinha as pernas cortadas na quantidade que sobrava e quem era mais baixo, sendo menor que o leito, era “esticado” até alcançar-lhe o comprimento, ou seja, uns e outros costumavam morrer nessa operação...

ENFRENTAR OS FANTASMAS INTERIORES

“A ambição, a avareza, a indecisão, o medo, a concupiscência não nos abandonam tão-somente porque mudamos de lugar.” (p. 285)

Enfrentar nossos “fantasmas” interiores é de primordial importância, para não estarmos sempre sujeitos a crises quando surgem os problemas.

Vencer os defeitos e adquirir virtudes dependem do trabalho de autoanálise, lembrada em vários pontos deste estudo.

Carregamos conosco nosso cabedal de problemas e soluções, que dependem da nossa conduta e preferência.

AS FASES DA VIDA

“Diz Sócrates que os jovens devem instruir-se; os homens feitos procurar agir acertadamente; os velhos abandonar toda ocupação civil ou militar e viver para sua ideia, sem obrigações precisas.” (p. 289)

Trata-se da sequência da vida. Feliz de quem se adequa à ordem natural das coisas.

A instrução das crianças, adolescentes e jovens deve visar prepará-los para o trabalho e não inculcar-lhes na mente (como hoje acontece) a ideia de que o trabalho é desagradável e só deve ser tolerado pela recompensa financeira. Deve-se inculpir no espírito juvenil o prazer de trabalhar e ser útil.

A vida produtiva do adulto deve ser estendida até onde ele apresente condições físicas e intelectuais de ser útil, não se aposentando precocemente. Também não se deve excluir os idosos do mercado de trabalho. É célebre o caso de Oscar Niemeyer, que continua trabalhando aos 102 anos.

Os idosos devem dedicar-se ao que lhes apetecer, de preferência ao que lhes seja realmente útil e ao voluntariado em entidades filantrópicas.

O CONFORTO NÃO SIGNIFICA FUTILIDADE

“Não considero o filósofo Argesilau menos digno, só porque usava baixela de ouro e prata, de acordo com sua fortuna; estimo-o mais por tê-la usado com moderação e liberalidade do que se dela se houvesse desfeito.” (p. 289)

Ser rico ou pobre não é o mais importante, tanto quanto ser intelectual ou dotado de pouca instrução, se tudo é encarado com bom senso e generosidade.

Afinal, “tudo vale a pena se a alma não é pequena”.

Santo Tomás de Aquino dizia: “Para se exercer as virtudes é necessário algum conforto”. A limpeza, o bom gosto, algum conforto, em resumo, sempre ajudam a gente a sentir-se bem.

O luxo exagerado é que pode amolentar a alma.

O DESPRENDIMENTO INTERIOR PELOS BENS MATERIAIS

“A minha tendência não me induz a valorizar minhas propriedades...” (p. 290)

Pode-se entender que Montaigne quis dizer que não supervalorizava as riquezas. Dar às riquezas uma finalidade útil para si e para os outros é o que importa.

O apego às riquezas independe de alguém ser rico ou pobre, pois há ricos desprendidos e pobres apegados aos bens materiais. O que conta é o sentimento íntimo.

Há pessoas que não se apegam aos bens materiais, mas são egoístas com relação à própria cultura, tornando-se igualmente usurários.

Tudo deve circular e servir a muita gente e não ficar trancafiado nos cofres do egoísmo.

A JUSTA MEDIDA NOS PRAZERES

“... é sempre o prazer excessivo, que o homem aufere da satisfação do que mais aprecia, que o perde, seja ele avarento, voluptuoso ou ambicioso.” (p. 291)

O problema não está no uso dos bens da vida, mas sim no seu abuso.

É hipócrisa quem diz abominar os prazeres sadios, pretendendo viver de renúncias extremadas, pois eles fazem parte da vida humana e funcionam como alívio ao estresse, além de incentivo para as lutas diárias. Todavia, saber dosá-los é uma arte e só fazem bem quando sorvidos na justa medida.

O mal é o descontrole, o abuso, a entrega desregrada, em detrimento principalmente do respeito à dignidade alheia. Usufruir de prazeres à custa do sofrimento alheio representa um crime grave frente à própria consciência.

Alguém alegrar-se com prazeres nocivos (como as drogas, o alcoolismo, a sexolatria etc.) representa um desvio psicológico, que deve ser tratado com a ajuda de psicoterapeutas e médicos especialistas.

CADA PESSOA VALE POR SEUS MÉRITOS
INTELECTO-MORAIS

“É necessário julgar o homem em si e não pelos seus adornos.” (p. 301)

O pior não é tratar com deferência especial os que estão bem situados socialmente, mas sim tratar mal os que não gozam dos privilégios do Poder e do Dinheiro.

A discriminação contra pessoas é uma das mais graves ofensas à Democracia e à Igualdade.

Atualmente supervalorizam-se as pessoas pelo dinheiro que possuem, dando-se destaque a verdadeiras nulidades, em detrimento de gente de grandes méritos, que a Mídia não faz questão de destacar.

A Mídia é a grande responsável pelo endeusamento de muitos mitos humanos, pessoas desarvoradas, que acabam influenciando, pelos maus exemplos, crianças, adolescentes e jovens ingênuos.

CADA UM DEVE SER RESPONSÁVEL PELA PRÓPRIA FELICIDADE

“O sábio é o artesão da própria felicidade.” (p. 302)

Quando Montaigne se refere a sábio não trata do nível de instrução e sim da capacidade maior ou menor de cada um se adequar à ciência (ou arte) de viver bem.

Cada pessoa é “interiormente” feliz ou infeliz conforme suas atitudes e forma de pensar.

Não há quem consiga “implantar” a felicidade no interior de outrem, podendo-se, no máximo, ajudar nessa conquista.

Quanto à felicidade “exterior” é um mito da sociedade patrimonialista, a qual se esboroa ao primeiro contratempo.

SOMOS TODOS SUJEITOS A ALTOS E BAIXOS

“Esse homem não passa afinal de um homem. Se não tiver valor próprio não lho dará o império do mundo.” (p. 303)

Aqui está a diferença entre o “ser” e o “ter”.

A sociedade patrimonialista endeusa aqueles que “têm”, muitos deles incapacitados para suportar o ar rarefeito das grandes alturas...

Quem “é” sabe contornar as pequenas e grandes dificuldades e se faz exemplo para as pessoas, como Gandhi e outros.

O DESTAQUE DAS VIRTUDES

“Anacársis é de opinião que o Estado mais feliz seria aquele em que, dadas as condições iguais de tudo e de todos, a preeminência se medisse pela virtude e fosse o vício relegado para o último lugar.” (p. 307)

Montaigne preconizava a igualdade de tudo e de todos, o que, para concretizar-se, depende da iniciativa de cada cidadão.

A prevalência da virtude sobre o dinheiro e a astúcia também depende de cada cidadão.

Se é verdade que as pessoas realmente superiores pela evolução ético-moral não recebem o destaque da Mídia, são, por outro lado, premiadas pelo respeito e amizade de muita gente. Foram os casos de Francisco Cândido Xavier, Irmã Dulce, Dom Helder Câmara etc. etc.

AS LEIS DE PEGAM E AS LEIS QUE NÃO PEGAM

“Nenhuma lei tem valor efetivo, fora daquelas a que Deus deu uma duração tal que ninguém lhes conhece a origem nem as viu diferentes.” (p. 309)

Trata-se do Direito Natural, ou seja, aquelas regras espontâneas na consciência de todas as pessoas: essas são eternas.

O legislador, algumas vezes, procura atender ao interesse de grupos dominantes e edita leis contrárias ao interesse público, mas essas leis “não pegam”. Só “pegam” aquelas que vão de encontro à Justiça verdadeira, ou seja, que correspondem às Leis Divinas.

AS PESSOAS DEVEM TER NOMES EXPRESSIVOS

“Sócrates considera que dar belos nomes a seus filhos é um cuidado que os pais não devem esquecer.” (p. 313)

Trata-se de uma recomendação que nem todo mundo segue, por exemplo, quando quer homenagear alguém, portador de nome nem tão belo, às custas dos filhos...

Os nomes de mau gosto costumam estigmatizar muitas pessoas, humilhando-as no meio social, ao invés de causar-lhes satisfação.

Carregar um nome desse tipo representa uma verdadeira cruz pregada nos ombros para sempre.

ALERTA CONTRA O RADICALISMO

“De qualquer coisa é fácil falar: pró ou contra, diz Homero com muita razão.” (p. 317)

Por isso é que não devemos achar que nossa interpretação é a única correta.

Também serve esta observação para aqueles que defendem cada hora um ponto de vista diferente, os quais perdem a credibilidade, parecendo mercadores da palavra.

IMUNIZAR-SE CONTRA O MEDO

“... nada é tão contagioso quanto o medo...” (p. 321)

Prudência é necessária mas não o medo, que impede muitas iniciativas nobres e necessárias ao Progresso.

Para ser bom e útil ao meio social é necessária muita coragem.

Há pessoas que disseminam o pânico através de notícias alarmantes, gerando insegurança.

A Mídia atual costuma prestar esse tipo de desserviço à sociedade.

Francisco Cândido Xavier dizia: “Cada um é responsável pelas imagens que cria na mente do semelhante.” Trata-se de um alerta vigoroso para cada um de nós.

NÃO SOMOS TÃO RACIONAIS COMO JULGAMOS SER

“Raciocinamos ao acaso e inconsideradamente, diz o Timeu de Platão, porque, como nós mesmos, é a nossa razão grandemente influenciada pelo acaso.” (p. 322)

Realmente, não somos tão racionais e não temos tanto autocontrole como gostaríamos.

Aqui cabem algumas indagações da Psicologia, ciência que somente surgiria alguns séculos depois de Montaigne.

Os mecanismos da mente são surpreendentes mas não incompreensíveis para quem procura o autoconhecimento.

PELO DEDO SE CONHECE O GIGANTE

“Qualquer ato nosso revela o que somos.” (p. 333)

Mais indagações a serem respondidas pela Psicologia.

Nossos pensamentos, sentimentos e atitudes são o nosso retrato interior.

Por isso, devemos analisar-nos, conhecer-nos, aperfeiçoarmo-nos, sublimando as deficiências e aperfeiçoando as virtudes.

O que não se justifica é estarmos sempre a repetir os mesmos erros, que, normalmente, assimilamos dos nossos ancestrais.

SOMOS TRANSPARENTES

“Todo pormenor da existência do homem, toda ocupação a que se entregue, o revelam e o mostram com suas qualidades e defeitos.” (p. 334)

Mais Psicologia.

Mesmo que tentemos disfarçar nossas falhas, as pessoas as detectam. Portanto, a solução mesmo é a autoanálise e o esforço por superá-las.

O autoconhecimento é o caminho.

A AUTOANÁLISE CONDUZ À HUMILDADE

“Penso que há em nós mais vaidade do que infelicidade, mais tolice do que malícia, mais vazio do que maldade, mais vileza do que miséria.” (p. 335)

Parece que Montaigne, realmente, foi um dos precursores da Psicologia.

Carregamos no nosso íntimo muita vaidade, tolice e falta de metas. São algumas das nossas limitações, pelas quais não devemos, todavia, nos crucificar, mas tentar melhorar, sabendo também nos autoperdoar.

Os erros cometidos devem ser tratados por nós como alertas para o futuro, e não como cruces eternas. O autperdão é imprescindível.

“Vai e não peques mais”, aconselhou Jesus.

O VALOR DO “PAI NOSSO”

“Não sei se me engano, mas posto que por favor especial da bondade divina uma oração nos foi prescrita e ditada palavra por palavra pela boca de Deus, sempre me pareceu que a ela devíamos recorrer mais do que o fazemos. Se minha opinião pesasse no assunto, nós a diríamos no início e no fim das refeições, ao deitar e ao levantar. Em todos os momentos em que é costume rezar, gostaríamos que fosse o ‘Pai Nosso’ a oração de todos os cristãos. Pode a Igreja aumentar o número de orações e modificá-las segundo nossas necessidades e os fins que ela visa, e bem sei que o espírito e o fundo são sempre os mesmos, essa é a oração por excelência e ela diz incontestavelmente tudo o que há para se dizer, convém a todas as circunstâncias em que nos podemos encontrar e portanto justificaria o privilégio de a ter sempre nos lábios o povo. É a única oração de que me valho sempre e sempre a repito em vez de variar, porquanto nenhuma tanto se gravou em minha memória.”

(pp. 344/345)

O ‘Pai Nosso’, realmente, engloba tudo que é essencial na vida humana.

Rezemo-lo sempre.

COMEÇAR A TRABALHAR CEDO

“... não se deveria dar tanta importância ao ano do nosso nascimento, nem nos deixar tanto tempo entregues à ociosidade ou presos ao aprendizado.” (p. 354)

A Pedagogia atual tem, indiretamente, contribuído para a infantilização dos jovens, que retardam o momento de começar a trabalhar.

Antes de iniciarmos nossa vida de trabalho somos meras “crianças fora da época”.

Trata-se de um erro grave, que precisa ser corrigido, sob pena de manutenção da pobreza, da irresponsabilidade e, indiretamente, da própria criminalidade.

NOTAS

[1] http://pt.wikipedia.org/wiki/Michel_de_Montaigne

Michel Eyquem de Montaigne (Saint-Michel-de-Montaigne, 28 de fevereiro de 1533 — Saint-Michel-de-Montaigne, 13 de setembro de 1592) foi um escritor e ensaísta francês, considerado por muitos como o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras e, mais especificamente nos seus "Ensaio", analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objecto de estudo. É considerado um céptico e humanista.

Montaigne começou a sua educação com o seu pai. Este tinha um espírito por um lado vigilante e metódico e por outro aberto às novidades. Após estes estudos enveredou pelo Direito. Exerceu a função de magistrado primeiro em Périgoux (de 1554 a 1570) depois em Bordéus onde travou profunda amizade com La Boetie.

Retirou-se para o seu castelo quando tinha 34 anos para se dedicar ao estudo e à reflexão. Levou nove anos para redigir os dois primeiros livros dos Essais. Depois viajou por toda a Europa durante dois anos (1580-1581). Faz o relato desta viagem no livro Journal de Voyage, que só foi publicado pela primeira vez em 1774.

Foi presidente da Câmara em Bordéus durante quatro anos. Depois, regressou ao seu castelo e continuou a corrigir e a escrever os Essais, tendo em vista o estilo parisiense de exposição doutrinária. Os seus Ensaaios compreendem três volumes (três livros). Os seus Ensaaios vieram a público em três versões: Os dois primeiros em 1580 e 1588. Na edição de 1588, aparece o terceiro volume. Em 1595, publica-se uma edição póstuma destes três livros com novos acrescentos.

Os Essais são um auto-retrato. O auto-retrato de um homem, mais do que o auto-retrato do filósofo. Montaigne apresenta-se-nos em toda a sua complexidade e variedade humanas. Procura também encontrar em si o que é singular. Mas ao fazer esse estudo de auto-observação acabou por observar também o Homem no seu todo. Por isso, não nos é de espantar que neles ocorram reflexões tanto sobre os temas mais clássicos e elevados ao lado de pensamentos sobre a flatulência. Montaigne é assim um livre pensador, é um pensador sobre o Humano, sobre as suas diversidades e características. E é um pensador que se dedica aos temas que mais lhe apeteçam, vai pensando ao sabor dos seus interesses e caprichos.

Se por um lado se interessa sobremaneira pela Antiguidade Clássica, esta não é totalmente passadista ou saudosista. O que lhe interessa nos autores antigos, especialmente os latinos mas também gregos, é encontrar máximas e reflexões que o ajudem na sua vida diária e na sua auto-descoberta. Montaigne tenta assim compreender-se, através da introspecção, e tenta assim compreender os Homens.

Montaigne não tem um sistema. Não é um moralista nem um doutrinador. Mas não sendo moralista, não tendo um sistema de conduta, uma moral com princípios rígidos, é um pensador ético. Procura indagar o que está certo ou errado na conduta humana. Propõe-se mais estudar pelos seus ensaios certos assuntos do que dar respostas. No fundo, Montaigne está naquele grupo de pensadores que estão a perguntar em vez de responder e é na sua incerteza em dar respostas que surge um certo cepticismo em Montaigne. Como não está interessado em dar respostas apriorísticas tem uma certa reserva em relação a misticismos e crenças. É de notar um certo alheamento em relação ao Cristianismo e às lutas de religião que se viviam em França. Embora não deixe de refletir em assuntos como a destruição das novas índias pelos Espanhóis. Ou seja, as suas reflexões visam os clássicos e

a sua própria contemporaneidade. Tanto fala de um episódio de Cipião como fala de algum acontecimento do seu século como fala de um qualquer seu episódio doméstico.

Registre-se que Michel foi tio pelo lado materno de Santa Joana de Lestonnac.

[2] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Socrates>

Sócrates (em grego antigo: Σωκράτης, transl. Sōkrátēs; 469–399 a.C.) foi um filósofo ateniense, um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental, e um dos fundadores da atual Filosofia Ocidental. As fontes mais importantes de informações sobre Sócrates são Platão, Xenofonte e Aristóteles (Alguns historiadores afirmam só se poder falar de Sócrates como um personagem de Platão, por ele nunca ter deixado nada escrito de sua própria autoria.). Os diálogos de Platão retratam Sócrates como mestre que se recusa a ter discípulos, e um homem piedoso que foi executado por impiedade. Sócrates não valorizava os prazeres dos sentidos, todavia se escalava o belo entre as maiores virtudes, junto ao bom e ao justo. Dedicava-se ao parto das idéias (Maiêutica) dos cidadãos de Atenas, mas era indiferente em relação a seus próprios filhos.

O julgamento e a execução de Sócrates são eventos centrais da obra de Platão (Apologia e Críton). Sócrates admitiu que poderia ter evitado sua condenação (beber o veneno chamado cicuta) se tivesse desistido da vida justa. Mesmo depois de sua condenação, ele poderia ter evitado sua morte se tivesse escapado com a ajuda de amigos. A razão para sua cooperação com a justiça da pólis e com seus próprios valores mostra uma valiosa faceta de sua filosofia, em especial aquela que é descrita nos diálogos com Críton.

Detalhes sobre a vida de Sócrates derivam de três fontes contemporâneas: os diálogos de Platão, as peças de Aristófanes e os diálogos de Xenofonte. Não há evidência de que Sócrates tenha ele mesmo publicado alguma obra. As obras de Aristófanes retratam Sócrates como um personagem cômico e sua representação não deve ser levada ao pé da letra.

Sócrates casou-se com Xântipe, que era bem mais jovem que ele, e teve três filhos: Lamprocles, Sophroniscus e Menexenus. Seu amigo Críton criticou-o por ter abandonado seus filhos quando ele se recusou a tentar escapar antes de sua execução, mostrando que ele (assim como seus outros discípulos), parece não ter entendido a

mensagem que Sócrates tenta passar sobre a morte (diálogo Fédon), antes de ser executado.

Não se sabe ao certo qual o trabalho de Sócrates, se é que ele teve outro além da Filosofia. De acordo com algumas fontes, Sócrates aprendeu a profissão de oleiro com seu pai. Na obra de Xenofonte, Sócrates aparece declarando que se dedicava àquilo que ele considerava a arte ou ocupação mais importante: maiêutica, o parto das idéias. A maiêutica socrática funcionava a partir de dois momentos essenciais: um primeiro em que Sócrates levava os seus interlocutores a pôr em causa as suas próprias concepções e teorias acerca de algum assunto; e um segundo momento em que conduzia os interlocutores a uma nova perspectiva acerca do tema em abordagem. Daí que a maiêutica consistisse num autêntico parto de ideias pois, mediante o questionamento dos seus interlocutores, Sócrates levava-os a colocar em causa os seus "preconceitos" acerca de determinado assunto, conduzindo-os a novas ideias acerca do tema em discussão.

Platão afirma que Sócrates não recebia pagamento por suas aulas. Sua pobreza era prova de que não era um sofista.

Várias fontes, inclusive os diálogos de Platão, mencionam que Sócrates tinha servido ao exército em várias batalhas. Na Apologia, Sócrates compara seu período no serviço militar a seus problemas no tribunal, e diz que qualquer pessoa no júri que imagine que ele deveria se retirar da filosofia deveria também imaginar que os soldados deveriam bater em retirada quando era provável que pudessem morrer em uma batalha.

Algumas curiosidades: Sócrates costumava caminhar descalço e não tinha o hábito de tomar banho. Em certas ocasiões, parava o que quer que estivesse fazendo, ficando imóvel por horas, meditando sobre algum problema. Certa vez o fez descalço sobre a neve, segundo os escritos de Platão, o que demonstra o caráter lendário da figura Socrática. Cláudio Eliano lista Sócrates como um dos grandes homens que gostavam de brincar com crianças: uma vez, Alcibíades surpreendeu Sócrates brincando com seu filho Lamprocles.

O método socrático consiste em uma técnica de investigação filosófica feita em diálogo que consiste em o professor conduzir o aluno a um processo de reflexão e descoberta dos próprios valores. Para isso ele faz uso de perguntas simples e quase ingênuas que têm por objetivo,

em primeiro lugar, revelar as contradições presentes na atual forma de pensar do aluno, normalmente baseadas em valores e preconceitos da sociedade, e auxiliá-lo assim a redefinir tais valores, aprendendo a pensar por si mesmo.

Tal técnica deve seu nome "socrático" a Sócrates, o filósofo grego do século V a.C., que teria sido o primeiro a utilizá-la. O filósofo não deixou nenhuma obra escrita, mas seus diálogos nos foram transmitidos por seu discípulo Platão. Nesses textos Sócrates, utilizando um discurso caracterizado pela maiêutica (levar ou induzir uma pessoa, por ela própria, ou seja, por seu próprio raciocínio, ao conhecimento ou à solução de sua dúvida) e pela ironia, levava o seu interlocutor a entrar em contradição, tentando depois levá-lo a chegar à conclusão de que o seu conhecimento é limitado. No entanto, Aspasia é referida por Sócrates como uma das mais importantes personalidades a orientá-lo em seu desenvolvimento intelectual e filosófico, sobretudo na arte da retórica. Alguns acadêmicos acreditam que teria sido Aspasia quem inventou o método socrático.

Desde seu princípio na antiguidade o método socrático foi utilizado e desenvolvido por diversos filósofos até a

atualidade. Leonard Nelson e Gustav Heckmann são dois importantes nomes ligados ao uso atual do método em filosofia. Além disso, sobretudo com o desenvolvimento da terapia cognitiva nos anos 60 do séc. XX, o método socrático passou a ser utilizado como método de entrevista em diversos contextos de psicoterapia e aconselhamento.

As crenças de Sócrates, em comparação às de Platão, são difíceis de discernir. Há poucas diferenças entre as duas ideias filosóficas. Consequentemente, diferenciar as crenças filosóficas de Sócrates, Platão e Xenofonte é uma tarefa difícil e deve-se sempre lembrar que o que é atribuído a Sócrates pode refletir o pensamento dos outros autores.

Se algo pode ser dito sobre as ideias de Sócrates, é que ele foi moralmente, intelectualmente e filosoficamente diferente de seus contemporâneos atenienses. Quando estava sendo julgado por heresia e por corromper a juventude, usou seu método de elenchos para demonstrar as crenças errôneas de seus julgadores. Sócrates acredita na imortalidade da alma e que teria recebido, em um certo momento de sua vida, uma missão especial do deus Apolo Apologia, a defesa do logos apolíneo "conhece-te a ti mesmo".

Sócrates também duvidava da ideia sofista de que a arete (virtude) podia ser ensinada para as pessoas. Acreditava que a excelência moral é uma questão de inspiração e não de parentesco, pois pais moralmente perfeitos não tinham filhos semelhantes a eles. Isso talvez tenha sido a causa de não ter se importado muito com o futuro de seus próprios filhos. Sócrates frequentemente diz que suas ideias não são próprias, mas de seus mestres, entre eles Pródico e Anaxágoras de Clazômenas .

No Simpósio, de Platão, Sócrates revela que foi a sacerdotisa Diotima de Mantinea que o iniciou nos conhecimentos e na genealogia do amor. As idéias de Diotima estão na origem do conceito socrático-platônico do amor.

Sócrates sempre dizia que sua sabedoria era limitada à sua própria ignorância (Só sei que nada sei.). Ele acreditava que os atos errados eram consequências da própria ignorância. Nunca proclamou ser sábio. A intenção de Sócrates era levar as pessoas a se sentirem ignorantes de tanto perguntar, problematização sobre conceitos que as pessoas tinham dogmas, verdades. De tanto questionar, principalmente os sábios, começou a arrebanhar inimigos.

Sócrates acreditava que o melhor modo para as pessoas viverem era se concentrando no próprio desenvolvimento ao invés de buscar a riqueza material. Convidava outros a se concentrarem na amizade e em um sentido de comunidade, pois acreditava que esse era o melhor modo de se crescer como uma população. Suas ações são provas disso: ao fim de sua vida, aceitou sua sentença de morte quando todos acreditavam que fugiria de Atenas, pois acreditava que não podia fugir de sua comunidade. Acreditava que os seres humanos possuíam certas virtudes, tanto filosóficas quanto intelectuais. Dizia que a virtude era a mais importante de todas as coisas.

Diz-se que Sócrates acreditava que as idéias pertenciam a um mundo que somente os sábios conseguiam entender, fazendo com que o filósofo se tornasse o perfeito governante para um Estado. Se opunha à democracia aristocrática que era praticada em Atenas durante sua época, essa mesma ideia surge nas Leis de Platão, seu discípulo. Sócrates acreditava que ao se relacionar com os membros de um parlamento a própria pessoa estaria-se fazendo de hipócrita.

Sócrates provocou uma ruptura sem precedentes na história da Filosofia grega, por isso ela passou a

considerar os filósofos entre pré-socráticos e pós-socráticos. Os sofistas, grupo de filósofos (título negado por Platão) originários de várias cidades, viajavam pelas pólis, onde discursavam em público e ensinavam suas artes, como a retórica, em troca de pagamento. Sócrates se assemelhava exteriormente a eles, exceto no pensamento. Platão afirma que Sócrates não recebia pagamento por suas aulas. Sua pobreza era prova de que não era um sofista. Para os sofistas tudo deveria ser avaliado segundo os interesses do homem e da forma como este vê a realidade social (subjetividade), segundo a máxima de Protágoras : "O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são.". Isso significa que, segundo essa corrente de pensamento, as regras morais, as posições políticas e os relacionamentos sociais deveriam ser guiados conforme a conveniência individual. Para este fim qualquer pessoa poderia se valer de um discurso convincente, mesmo que falso ou sem conteúdo. Os sofistas usavam, de fato, complicados jogos de palavras, no discurso para demonstrar a verdade^[3] daquilo que se pretendia alcançar, este tipo de argumento ganhou o nome de sofisma. Em resumo, a sofística destruiu os fundamentos de todo conhecimento, já que tudo seria relativo

(relativismo) e os valores seriam subjetivos, assim como impedia o estabelecimento de um conjunto de normas de comportamento que garantissem os mesmos direitos para todos os cidadãos da pólis. Tanto quanto os sofistas, Sócrates abandonou a preocupação em explicar e se concentrou no problema do homem. No entanto, contrariamente aos sofistas, Sócrates travou uma polêmica profunda com estes, pois procurava um fundamento último para as interrogações humanas (O que é o bem? O que é a virtude? O que é a justiça?), enquanto os sofistas situavam as suas reflexões a partir dos dados empíricos, o sensório imediato, sem se preocupar com a investigação de uma essência da virtude, da justiça do bem etc., a partir da qual a própria realidade empírica pudesse ser avaliada.

[3] Argesilau (315 – 241 a. C.)

[4] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Plutarco>

Plutarco (em grego, Πλούταρχος, transl. Ploútarkhos) de Queroneia (46 a 126 d.C.), filósofo e prosador grego do período greco-romano, estudou na Academia de Atenas (fundada por Platão). Ele foi um discípulo de Ammonius de Lamprae, um filósofo peripatético com profundo conhecimento de religião.^[1]

Viajou pela Ásia e pelo Egipto, viveu algum tempo em Roma e foi sacerdote de Apolo em Delfos em 95d.C. O seu enorme prestígio valeu-lhe deter direitos de cidadão em Delfos, Atenas e mesmo em Roma (Mestrius Plutarchus). A sua ética baseia-se na convicção de que para alcançar a felicidade e a paz, é preciso controlar os impulsos das paixões. Escreveu sobre Platão, sobre os estóicos e os epicuristas, e estudou a inteligência dos animais comparando-a à dos humanos. É dele um pequeno e denso ensaio, onde expõe a habilidade no uso da astúcia com ética, Como tirar proveito do inimigo.

Segundo a tradição, Plutarco escreveu mais de 200 livros. Chegaram até nós cerca de 50 biografias de gregos (entre elas a "Vida de Licurgo") e romanos ilustres em que ambas são comparadas, conhecidas como as Vidas Paralelas e dezenas de outros escritos sobre os mais variados tópicos, designadas genericamente por Obras Morais ("Moralia"), sobre Filosofia, Religião, Moral, Crítica literária e Pedagogia.

[5] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Seneca>

Lúcio Aneu Séneca ^(português europeu) ou *Sêneca* ^(português brasileiro)
 (em latim: Lucius Annaeus Seneca; Corduba, 4 a.C. — Roma, 65 d.C.) foi um dos mais célebres escritores e

intelectuais do Império Romano. Conhecido também como Sêneca (ou Sêneca), o Moço, o Filósofo, ou ainda, o Jovem, sua obra literária e filosófica, tida como modelo do pensador estoico durante o Renascimento, inspirou o desenvolvimento da tragédia na dramaturgia europeia renascentista.

Oriundo de família ilustre, era o segundo filho de Hélvia e de Marco Aneu Sêneca (Sêneca, o Velho). O pai era um orador eloquente e muito abastado. O irmão mais velho de Lúcio chamava-se Gálio e era procônsul (administrador público) na Aquéia, onde em 53 d.C. se encontrou com o apóstolo Paulo. Sêneca, o Jovem, foi tio do poeta Lucano.

Ainda criança (tres anos), foi enviado a Roma para estudar oratória e filosofia. Com a saúde abalada pelo rigor dos estudos, passou uma temporada no Egípto para se recuperar e regressou a Roma por volta do ano 31 da era cristã. Nessa ocasião, iniciou carreira como orador e advogado e logo chegou ao Senado.

Em 41 envolveu-se num processo por causa de uma ligação com Júlia Livila, sobrinha do imperador Cláudio, que o desterrou. No exílio, Sêneca dedicou-se aos estudos e redigiu vários de seus principais tratados filosóficos, entre os três intitulados Consolationes ("Consolos"), em que

expõe os ideais estóicos clássicos de renúncia aos bens materiais e busca da tranqüilidade da alma mediante o conhecimento e a contemplação.

*Por influência de Agripina a jovem, sobrinha do imperador e uma das mulheres com quem este se casou, Sêneca retornou a Roma em 49. Agripina tornou-o preceptor de seu filho, o jovem Nero, e elevou-o a pretor em 50. Seneca contraiu matrimônio com Pompéia Paulina e organizou um poderoso grupo de amigos. Logo após a morte de Cláudio, ocorrida em 54, o escritor vingou-se com um escrito que foi considerado obra-prima das sátiras romanas, *Apocolocyntosis divi Claudii* ("Transformação em abóbora do divino Cláudio"). Nessa obra, Sêneca critica o autoritarismo do imperador e narra como ele é recusado pelos deuses.*

Quando Nero aos dezessete anos tornou-se imperador, Sêneca continuou a seu lado, não mais como pedagogo, converteu-se em seu principal conselheiro ajudado por Afrânio Burro, prefeito do Pretório. Procurou orientá-lo para uma política justa e humanitária. Se durante os primeiros sete anos, o governo de Nero lembra o de Augusto, o mérito exclusivo é desses dois homens que na realidade governaram ao lado do jovem príncipe. A índole

de Nero foi mitigada, corrigida, freada; mais tarde a malvadez teve o predomínio. Séneca durante algum tempo, exerceu influência benéfica sobre o jovem, mas aos poucos foi forçado a adotar atitudes de complacência. Chegou mesmo a redigir uma carta ao Senado na qual se alega que tentava justificar a execução de Agripina em 59. Séneca sabia que a maior culpa foi da própria Agripina, que pretendia imperar e se tornara hostil por ambição, capricho, corrupção; sua raiva crescente só fez aumentar a louca vingança matricida de Nero que não dá mais ouvidos às palavras severas de seus dois conselheiros. Séneca foi então muito criticado pela fraca oposição à tirania e à acumulação de riquezas, incompatíveis com as concepções estóicas. Conforme concluiu o emérito professor Giulio Davide Leoni, o destino foi em parte malvado para com Séneca, fez chegar até nós acusações e perderam-se as defesas. Da leitura atenta de suas páginas, do modo como aceitou e caminhou para a morte, como Sócrates, faz surgir um juízo sincero que as reticências dos historiadores e estudiosos, muitas vezes, acabam por ofuscar.

Em “De Beneficiis” (II,18) Séneca lembra que: “Às vezes , mesmo contra a nossa vontade devemos aceitar um benefício: quando é dado por um tirano cruel e iracundo,

que reputaria injuria que tu desdenhasses seu presente. Não deverei aceitar?” Assim, mais importante do que saber que Sêneca era rico, é saber se ele era hávido de riquezas, se viveu no fausto e na opulência. Conforme suas “ Epistulae Morales ad Lucilium, 18 , seu pensamento era este: é lícito ser rico, contudo é preciso viver de tal modo que se possa em cada contingencia bastar a si próprio e renunciar a qualquer bem que a sorte pode dar, mas também tirar. Rico, Sêneca viveu com um certo conforto, mas conforme acreditava e pregava, sempre de maneira modesta. Tem razão o professor G.D. Leoni, da "Sedes Sapientiae", quando afirma no seu estudo introdutivo ao volume XLIV da Biblioteca Clássica da Atena Editora, São Paulo, 1957, que, sem dúvida, a posteridade foi injusta, recolhendo contra esse homem somente as invejosas acusações dos seus inimigos. Mas a perfeita intuição dos poetas define aquilo que os críticos se esforçam por esclarecer mas amiúde ofuscam. Dante, no limbo, vê entre os sumos escritores e heróis antigos --- Sócrates, Platão, Demócrito, Diógenes, Anaxágora, Tales, Empédocles, Heráclito, Zenão, Dioscórides, Orfeu, Cícero, Lino e " Sêneca morale". Sêneca diferente de um filósofo é um entusiasta da filosofia, estudioso apaixonado, informado de todas as correntes filosóficas do seu tempo,

mas contrário a encerrar-se em qualquer sistema ou fórmula. Nele a filosofia era viva, era a própria vida. "A prosa adere ao pensamento, uniformiza-se adapta-se a ele; e muitas vezes um subentendido produz um jogo de luzes e sombras cheios de profunda beleza, amiúde a frase breve produz inesperadas imagens pictóricas, outras vezes antíteses, ou as anedotas enriquecem as sentenças austeras, a argúcia atenua a trágica solenidade do assunto". Poeta, humanista, mais que filósofo, o elemento preponderante em suas obras são os sentimentos, mais do que as idéias, com as quais, na origem, pouco contribuiu. Entretanto, na história do pensamento, nunca, ninguém foi tão compenetrado do sentimento da nobreza do espírito humano, e soube tão bem e poderosamente transmitir esse sentimento em palavras." Sua prosa é vivaz, variada, alegre, moderna, eterna; como quando procura mostrar como as desventuras pelas quais passam os bons, devem ser encaradas como provas para melhor evidenciar suas virtudes, ajudar o próximo: " Os deuses põem à prova a virtude e exercitam a força de espírito dos bons, que devem seguir seu destino preestabelecido: o sábio por isso nunca será infeliz."

*Séneca retirou-se da vida pública em 62. Entre seus últimos textos estão a compilação científica *Naturales**

quaestiones ("Problemas naturais"), os tratados *De tranquillitate animi* (Sobre a tranqüilidade da alma), *De vita beata* (Sobre a vida beata) e, talvez sua obra mais profunda, as *Epistolae morales* dirigidas a Lucílio, em que reúne conselhos estóicos e elementos epicuristas na pregação de uma fraternidade universal mais tarde considerada próxima ao cristianismo.

No ano 65 d.C., Sêneca foi acusado de ter participado na conspiração de Pisão, na qual o assassinio de Nero teria sido planejado. Sem qualquer julgamento, foi obrigado a cometer o suicídio. Na presença dos seus amigos cortou os pulsos, com o ânimo sereno que defendia em sua filosofia. Tácito relatou a morte de Sêneca e da mulher, que também cortou os pulsos. Nero, com medo da repercussão negativa dessa dupla morte, mandou que médicos a tratassem, e ela sobreviveu ao marido alguns anos.

Apesar de ter sido contemporâneo de Cristo, Sêneca não fez quaisquer relatos significativos de fenômenos milagrosos que aparentemente anunciavam o despoletar de uma poderosa nova religião; entretanto, há indícios de uma possível troca de correspondências com Paulo de Tarso (apóstolo, com cidadania romana, também conhecido por Saulo). Constata-se que os cristãos, por

intermédio de Lúcio Aneu Sêneca, assimilaram os princípios estóicos, utilizando inclusive as mesmas metáforas estóicas na Bíblia. Um facto tanto mais curioso quanto a Sêneca, como filósofo, ter-se-á interessado por todos os fenómenos da natureza, resultando nas cartas intituladas posteriormente Questões da natureza, como observou Edward Gibbon, historiador representativo do Iluminismo do século XVIII, perito na história do Império Romano e autor do aclamado livro História do Declínio e Queda do Império Romano, uma referência ainda hoje.

Sêneca ocupava-se da forma correcta de viver a vida, ou seja, da ética, física e da lógica. Via o sereno estoicismo como a maior virtude, o que lhe permitiu praticar a imperturbabilidade da alma, denominada ataraxia (termo utilizado a primeira vez por Demócrito em 400 a.C.). Juntamente com Marco Aurélio e Cícero, conta-se entre os mais importantes representantes da intelectualidade romana.

Sêneca via no cumprimento do dever um serviço à humanidade. Procurava aplicar a sua filosofia à prática. Deste modo, apesar de ser rico, vivia modestamente: bebia apenas água, comia pouco, dormia sobre um colchão duro. Sêneca não viu nenhuma contradição entre a sua filosofia,

estóica, e a sua riqueza material: dizia que o sábio não estava obrigado à pobreza, desde que o seu dinheiro tivesse sido ganho de forma honesta. No entanto, devia ser capaz de abdicar dele.

Sêneca via-se como um sábio imperfeito: "Eu elogio a vida, não a que levo, mas aquela que sei dever ser vivida." Os afectos (como relutância, vontade, cobiça, receio) devem ser ultrapassados. O objectivo não é a perda de sentimentos, mas a superação dos afectos. Os bens podem ser adquiridos, à condição de não deixarmos que se estabeleça uma dependência deles.

Para Sêneca, o destino é uma realidade. O homem pode apenas aceitá-lo ou rejeitá-lo. Se o aceitar de livre vontade, goza de liberdade. A morte é um dado natural. O suicídio não é categoricamente excluído por Sêneca.

Sêneca influenciaria profundamente o pensamento de João Calvino. O primeiro livro de Calvino foi um comentário ao De Clementia, de Sêneca.

*Ao se analisarem os escritos de Seneca, é possível perceber a forma pela qual alcançou o conhecimento e desenvolvimento da ideia de fluxo de energia, que advém, segundo ele, de algum princípio ativo (termo utilizado em seu livro *Questões naturais*), o qual sujeita a regra geral:*

Causa e Efeito, ou Ação e Reação, de tal forma que sugeria em uma de suas cartas a Lucílio, que só tem domínio de si aquele que não faz de seu corpo um peregrinador por outros corpos.

Sêneca destacou-se como estilista literário. Numa prosa coloquial, seus trabalhos exemplificam a maneira de escrever retórica, declamatória, com frases curtas, conclusões epigramáticas e emprego de metáforas. A ironia é a arma que emprega com maestria, principalmente nas tragédias que escreveu, as únicas do gênero na literatura da antiga Roma. Versões retóricas de peças gregas, elas substituem o elemento dramático por efeitos brutais, como assassinatos em cena, espectros vingativos e discursos violentos, numa visão trágica e mais individualista da existência.

[6] http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Montessori

Maria Montessori, filha de Alessandro Montessori e Renilde Stoppani, nasceu como informa seu certificado de batismo, em 31 de agosto de 1870 em Chiaravalle, Província de Ancona, Itália.

Desde menina manifesta interesse pelas matérias científicas, principalmente matemática e biologia, resultando em conflito com seus pais, que possuíam o desejo que ela seguisse a carreira de professora.

Indo contra a expectativas familiares, ela se inscreve na Faculdade de Medicina da Universidade de Roma, escolha que a levou a ser, em 1896, a primeira mulher a se formar em medicina na Itália. Após sua formatura, iniciou um trabalho com crianças com necessidades especiais na clínica da universidade, vindo posteriormente dedicar-se a experimentar em crianças sem comprometimento algum, os procedimentos usados na educação dos que tinham comprometimento. Observou também, crianças que ficavam brincando nas ruas e criou um espaço educacional a estas crianças.

Responsável também pela criação do método montessori de aprendizagem, composto especialmente por um material de apoio em que a própria criança (ou usuário) observa se está fazendo as conexões corretas.

CONCLUSÃO

- 1) Os Ensaaios, de Michel de Montaigne, representam um repositório de informações e reflexões visando, direta ou indiretamente, à ciência (ou arte) de viver bem.
- 2) Viver bem é agir com bom senso e generosidade.
- 3) É importante desenvolverem-se as duas asas que levam o ser humano rumo à Perfeição: a Fraternidade e a Instrução, ambas imprescindíveis para os vôos de grande percurso.
- 4) Grande parte das suas lições são eternas, porque calcadas sobretudo em Jesus Cristo e Sócrates, dois valores que o Tempo nunca vai superar ou envelhecer.
- 5) Ler e refletir sobre Montaigne é interessar-se pelo próprio aprimoramento e preparar-se para dar grande contribuição à sociedade.

